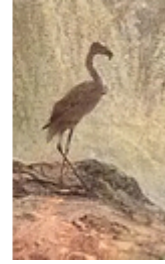


issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 39 May / August 2022



SABEDORIA E SABER VIVER: F. H. JACOBI E A FILOSOFIA COMO “SÁBIO NÃO-SABER”

Juliana F. Martone

Doutora em Filosofia (USP)

Resumo: O filósofo alemão Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819) foi um dos grandes representantes no período pós-kantiano de uma concepção de filosofia como harmonia entre discurso filosófico e modo de vida, ação e palavra. Este trabalho pretende mostrar como ele se aproxima do significado originário de filosofia (amor à sabedoria) e daquele que foi considerado o primeiro filósofo: Sócrates. O não saber socrático aparece como resposta privilegiada, porque é um *sábio* não saber, isto é, reconhece a limitação do conhecimento humano e busca a sabedoria e virtude na conduta pessoal e na prática de vida. Jacobi aponta para o conflito da filosofia moderna consigo mesma, isto é, de uma filosofia que almeja a unidade e a plena coerência lógica e, com isso, se distancia do seu sentido mais próprio.

Palavras-chave: F. H. Jacobi, não-saber, modo de vida.

Abstract: The German philosopher Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819) was one of the great representatives in the post-Kantian period of a conception of philosophy as harmony between philosophical discourse and way of life, actions and words. This work intends to show how he approaches the original meaning of philosophy (love of wisdom) and resembles the one who was considered the first true philosopher: Socrates. The Socratic ignorance (non-knowledge) appears as a privileged answer because it is a *wise* ignorance, that is, it recognizes the limitation of human knowledge and seeks wisdom and virtue in personal conduct and in the practice of life. Jacobi points to the conflict of modern philosophy with itself, that is, of a philosophy that seeks unity and full logical coherence and therefore distances itself from its most proper meaning.

Keywords: F. H. Jacobi; non-knowledge; way of life.

Este texto trata de uma ideia que, à primeira vista, pode parecer nova ou inusitada, mas é na verdade a concepção mais antiga de filosofia: filosofia como a conjunção e harmonia entre aquilo que se pensa e aquilo que se faz, como uma conduta ou um modo de vida, um saber viver. O filósofo alemão Friedrich Heinrich Jacobi se vale desse dito *sábio não saber* para repensar o significado antigo de filosofia como modo de viver na Modernidade, ou seja, como uma filosofia que renuncia de bom grado ao sistema para se debruçar sobre os indivíduos empíricos, particulares, segundo o lema “*parece ser sempre aquilo que és, e sê sempre aquilo que pareces ser*” (JACOBI, 2021, p. 149)

Porém, para cumprir esse percurso, é preciso primeiro voltar a Sócrates e entender sua importância nesta discussão. Ele é sem dúvida o primeiro grande filósofo, é o ideal de *philosophos* e exemplo de homem virtuoso pela vida que levou e não por aquilo que falou ou ensinou. O próprio discurso socrático é uma tentativa de não dizer nada apoditicamente. Por isso, Sócrates simboliza uma certa *atopia*, uma filosofia que se adequa a todas as circunstâncias; o mercado, o banquete, o campo, o cárcere foram suas escolas.¹ Em oposição ao sofista, que se acha detentor de uma *sophia*, Sócrates é sábio, porque sabe que não a possui.

Um pensamento de Pascal retrata especialmente bem a posição de Sócrates como a única capaz de superar a ignorância natural sem, contudo, cair no dogmatismo ou no ceticismo: as grandes almas, “tendo percorrido tudo o que os homens podem saber, verificam que não sabem nada e se descobrem nessa mesma ignorância de que partiram; mas é uma *ignorância sábia*, que se conhece” (PASCAL, 1984, p. 118). Portanto, o saber não é um conjunto de proposições ou teorias, mas uma escolha. Segundo Pierre Hadot, esse tipo de saber “não é um saber *tout court*, mas um saber-que-é-necessário-escolher, portanto um saber-viver (*savoir-vivre*). E esse saber do valor é que o guiará nas discussões travadas com seus interlocutores” (HADOT, 2014, p. 62).

Os trabalhos de Pierre Hadot e John Sellars seguem essa direção e expõem como, para todas as escolas da Antiguidade (cada uma à sua maneira), o saber é antes de tudo uma prática concreta de vida. Sellars, em especial, enfatiza o significado extremamente filosófico da *biografia* e da *anedota* para os antigos, da *biós* (da vida pessoal) cuja prática “documenta” um conjunto de princípios e manifesta a verdadeira filosofia de cada um, que nada mais é do que seu modo de viver (Cf. SELLARS, 2003).

¹ Referência a obra de Georg Hamann, *Memoráveis socráticas*.

Sócrates ensina, então, que a filosofia é a arte de saber viver, isto é, a harmonia entre ações (*erga*) e palavras ou discursos (*logoi*), que o saber está sempre subordinado à vida (Cf. SELLARS, 2003, p. 32). O mais importante é a vida do filósofo, a concordância de seu exemplo e sua conduta com seus princípios, pois doutrinas têm valor apenas quando colocadas em prática e exercitadas. Além disso, Sócrates representa o *sábio* não saber, aquele que não ignora tudo, mas é o único que de fato tem o sumo saber: o saber de sua ignorância. É precisamente nisso que esse saber se diferencia do ceticismo. Como bem observa J. G. Hamann, o cético é “lobo em pele de cordeiro”, porque afirma que nada sabe, mas precisa da prova de que não sabe e se deixa trair pela “voz e pelas orelhas”.² Sócrates, pelo contrário, corporifica uma sabedoria que não se reduz à palavra ou ao sistema, que não é letra morta e vazia, mas a concordância entre ação e palavra. Se o discurso de Sócrates não se separa da vida de Sócrates, este é uma *filosofia pessoal*.

Um dos mais sagazes críticos da filosofia especulativa e que melhor apontou para seus perigos foi F. H. Jacobi.³ Para ele, toda filosofia que busca a pura coerência lógica perde a heterogeneidade do mundo efetivo e a existência, já que “todo caminho da demonstração acaba no fatalismo” (JACOBI, 2021, p. 138). Demonstrar significa proceder segundo o princípio de identidade, associar e separar conceitos ou ideias que são capazes de produzirem a si mesmos, de modo que a obsessão pela demonstração nada mais é que a obsessão pela busca da identidade absoluta. Demonstrar implica, então, buscar um princípio único do qual tudo se deixa deduzir, princípio que aparece tanto em doutrinas materialistas quanto idealistas. De acordo com Jacobi, a única diferença entre eles é o princípio que funda cada doutrina: os materialistas partem da matéria, os idealistas do espírito. Apesar das diferenças, ambos são monistas e duas faces da mesma moeda. Para Jacobi, *demonstrar (beweisen)* tem apenas sentido se concebido como mostrar (*aufweisen*) o fato mesmo. O particular ou o individual, característico da existência efetiva, é o limite imposto à filosofia especulativa e só pode

² “A ignorância de Sócrates era um *sentir*. Ora entre o sentir e uma proposição teórica vai uma diferença maior do que aquela que existe entre animal vivo e o respectivo esqueleto anatômico. Por mais que os antigos e os novos cépticos se envolvam na pele de leão da ignorância socrática, acabam sempre por deixar-se trair pela *voz* e pelas *orelhas*. Se nada sabem, para que precisa o mundo de uma erudita prova dessa ignorância? É ridícula e sem vergonha essa sua hipocrisia. Mas, quem tem necessidade de tanta perspicácia e eloquência para se convencer a si mesmo da sua ignorância tem de alimentar no fundo do coração uma poderosa aversão contra a verdade dela” (HAMANN, 2017, p. 51-52).

³ Destaco as obras: *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn* (1785), o diálogo *David Hume sobre a crença. Ou idealismo e realismo* (1787) e a célebre *Carta a Fichte* (1799).

ser *mostrado*, jamais *demonstrado*. É isso que ele afirma ao descrever seu próprio percurso filosófico:

Nunca foi meu objetivo apresentar um sistema para a escola; meus escritos surgiram da minha vida mais íntima, ganharam uma sequência histórica (...). Se reflexão e comunicação desse tipo são *personais*, minha filosofia é certamente pessoal, mas o mesmo se aplica a todos, para os quais sua filosofia é religião; a todos que aspiram não a uma verdade *universal* – um contrassenso, como o é uma existência ou realidade *universais* –, mas sim a uma verdade *determinada*, que satisfaça mente e coração. Ao mesmo tempo, para mim, aquela outra filosofia meramente para a cátedra, meramente para o texto e para a palavra, não é filosofia, não tem verdadeiro valor nem espírito vivo (JACOBI, 2021, p. 46).

Ao contrário da tendência à unidade, do monismo característico da pretensão sistemática, Jacobi ressalta que diferenciar é mais difícil do que encontrar semelhanças, e faz suas as palavras de Goethe:

Folheando esses papéis, encontrei, em um artigo magistral (de Goethe. *Deutscher Merkur*, fevereiro de 1789, p. 127), uma passagem que quero copiar aqui para comprovar o supramencionado. “Parece-me que devemos observar mais como as coisas que desejamos conhecer se diferenciam do que como se assemelham. Diferenciar é mais difícil, penoso, do que encontrar semelhanças, e quando se consegue diferenciar muito bem, os objetos comparam-se por si mesmos. Se, por amor à sua hipótese ou representação, começa-se por considerar as coisas como semelhantes ou iguais, então se é forçado a esquecer as determinações segundo as quais as coisas se diferenciam muito umas das outras” (JACOBI, 2021, p. 156).

Com isso, ele quer indicar a incapacidade inerente ao homem de superar o dualismo entre um saber imediato (denominado *crença*) e um saber mediato (denominado *entendimento* ou razão especulativa). Ele combate o *niilismo* (conceito cunhado por ele na Modernidade) ou egoísmo moral presente na filosofia moderna em geral, na qual não há espaço para o eu nem para o outro com suas particularidades, há apenas uma abstração chamada *eu, tu*, chamada *mundo, estado*, que iguala e unifica todos num único corpo abstrato e exige deles que se tornem um só. Por essa razão, Jacobi combate veementemente as pretensões iluministas de sua época, isto é, as pretensões de uma razão universal muitas vezes despótica, e descreve sua própria posição como uma não-filosofia, um *sábio não-saber* ou, ainda, *filosofia pessoal*.

Neste sentido, o conceito de *pessoa* é central para Jacobi, pois, sem a pessoa, não pode ser concebida nenhuma ação, nenhuma causalidade eficiente, nenhum tipo de

conhecimento; ela é o fundamento do saber e da moralidade. Conhecemos nosso eu ou nossa pessoa de maneira auto-evidente e não reflexiva, temos um sentimento de ser, um *sentiment de l'être*, escreve ele, ressaltando a adequação dessa expressão em detrimento da palavra alemã *Bewusstsein* (consciência), que indica algo reflexivo. Afinal, “um conceito imediato, considerado apenas em e por si mesmo, não tem representação – é um sentimento” (JACOBI, 2021, p. 131). Consciência ou autoconsciência é, na verdade, um sentimento, uma verdade indemonstrável e imediata, avessa à ordem intelectual, já que não resulta de mediações ou de relações representativas, não deriva de uma *síntese*, mas da existência e da coexistência concretas.

Isso significa que a filosofia como *modo de pensar* deve ser derivada do *modo de agir* ou do *modo de viver*, da história presente ou passada e apenas nessa medida é filosofia viva. A anterioridade da ação concreta sobre a reflexão não é uma nova proposta do significado de filosofia, mas sim a retomada do seu significado enquanto modo de vida.⁴ O fato de Jacobi chamar esse modo de fazer filosofia de “não-filosofia” retrata a mudança radical do significado da filosofia ao longo do tempo, que na Antiguidade filosofia era a arte de viver e de buscar a felicidade. Apesar dessa história, na Alemanha pós-kantiana tal significado de filosofia se mostra para muitos como algo inconcebível, como misticismo, fanatismo ou mesmo negação da própria filosofia. Basta ler as críticas dos contemporâneos de Jacobi a esse respeito, como por exemplo a de Fichte, que acusa Jacobi de sofrer de certo tipo de “entusiasmo pela vida”.

A filosofia do não saber jacobiana se funda, por fim, na necessidade de manter o hiato, um *aut aut, entweder-oder*, entre razão (como crença ou coração) e entendimento (como razão especulativa), entre verdadeiro imediato e verdades mediatas ou, ainda, entre suprassensível e sensível. Em razão da dupla condição humana, o hiato jamais será superado e não somos capazes de sair do dualismo. Isso significa que a tão almejada síntese suprema é inalcançável (*weder noch*). As tentativas posteriores de encontrar tal síntese ou unidade num sistema filosófico seriam, portanto, inúteis, seja como dialética, que alcança a síntese no final (Hegel), seja como identidade da qual se parte no início (Schelling). Para que possamos sair do intelecto é preciso “asas”, um salto, pois não existe *filosofia* (especulação) do suprassensível.

⁴ Segundo Hadot, “ao menos desde Sócrates, a opção por um modo de vida não se situa no fim do processo da atividade filosófica, como uma espécie de apêndice acessório, mas, bem ao contrário, na origem, em uma complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária...” (HADOT, 2014, p. 17).

Consequentemente, a filosofia jacobiana reflete a condição do saber humano finito e fragmentário: “nosso saber deve ser tão completamente fragmentário, que nem mesmo o saber do nosso não saber pode estar isento disso” (JACOBI, 2015, p. 325). A união entre mundo finito e infinito é um milagre inexplicável, e as “contradições fazem parte da essência do homem; se ele não produzisse mais nenhuma e as eliminasse, ele cessaria de ser um ser racional” (JACOBI, 2017, p. 217). Neste sentido, cessaria também a filosofia.

Vale ainda ressaltar que não se trata aqui de opor, de um lado, a filosofia como modo de vida e, de outro, o discurso filosófico abstrato; trata-se apenas de mostrar que o discurso participa do modo de vida. Mas é igualmente necessário reconhecer que a escolha de vida do filósofo determina esse discurso, de modo que um discurso filosófico não deve ser considerado como uma realidade existente por si mesma, tampouco se pode estudá-lo excluindo o filósofo que o concebeu. Afinal, podemos separar o discurso de Sócrates da vida e da morte de Sócrates? O discurso de Sócrates não se separa da vida de Sócrates, é uma *filosofia pessoal*, assim como o discurso de Jacobi não se separa do homem Jacobi. Portanto, o discurso surge de uma escolha de vida e retorna a ela ou, nas palavras de Jacobi, trata-se de uma doutrina que vem do coração e retorna ao coração.

Sócrates representa uma nova concepção de saber, não como algo que se possui ou como um conjunto de proposições e princípios; com sua conduta desmascara o falso filósofo, que se acredita senhor de uma sabedoria e crê poder ensiná-la. Sócrates personifica (mostra com sua personalidade ou *individualidade*) o valor de sua sabedoria e convida os outros a interrogarem a si mesmos, a buscarem em si a razão de sua vida. É isso que Jacobi almeja com sua denominada *Unphilosophie* (não-filosofia). “Não-filosofia”, porque o amor pela sabedoria se tornou um amor exclusivo pelos belos discursos ou pelos meros princípios; a sofística usurpou o nome da filosofia, que se tornou cega para o que há de mais primordial no homem: a concordância consigo mesmo na sua vida empírica, como exemplo vivo de sua escolha moral. É esse o sentido da frase: “como se quiséssemos ser Sócrates”. Viver sua filosofia, sua escolha moral, é o primeiro passo para que possa nascer uma verdadeira filosofia. Jacobi tem plena consciência do valor histórico de suas obras, sabe que uma filosofia viva só pode ser

aquela defendida pelo homem real que a escolhe e, mais importante, a prática, pois apenas assim se diferencia dos falsos filósofos ou falsos profetas.

A filosofia tem de surgir da nossa vida mais íntima, diz Jacobi; suas obras, ele não as escreveu ele mesmo, mas foi movido “por uma força maior, irresistível”. E se isso significa *filosofia pessoal*, a sua é certamente pessoal, pois não aspira a uma verdade universal, a um valor incondicionado, mas a uma verdade *determinada* “que satisfaça mente e coração” (JACOBI, 2021, p. 46). Ele desconhece o entusiasmo lógico ou amor puro e desinteressado pela ciência exigido pelo jovem F. Schlegel e atribuído à doutrina da ciência de Fichte, ele não ama a verdade independentemente de seu resultado, e uma tal verdade não vale nada na vida. No final, é a outra filosofia, a filosofia *impessoal*, apenas para o texto e para a palavra que não tem verdadeiro valor nem espírito vivo. Assim, com Jacobi podemos descobrir ou redescobrir que a chamada *não-filosofia* é, na verdade, uma autêntica filosofia.

REFERÊNCIAS

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2014.

HAMANN. *Memoráveis socráticas*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2017.

JACOBI, F. H. *Sobre a doutrina de Espinosa em cartas ao senhor Moses Mendelssohn*. Trad. Juliana F. Martone. São Paulo: Unicamp, 2021.

_____. [JBW]: F. H. Jacobi, *Briefwechsel*. Vol. I, 8: Briefwechsel Juli 1788 bis Dezember 1790, hrsg. von Manuela Köppe, 2015.

_____. [JBW] Vol. I, 11: *Briefwechsel* Oktober 1794 bis Dezember 1798, hrsg. von Catia Goretzki, 2017.

PASCAL. *Pensamentos*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SELLARS, John. *The art of living. The stoics on the nature and function of philosophy*. London, New York: Bloomsbury, 2003.